

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-30-6

DOI 10.22533/at.ed.306201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE NA ESCOLA: O MUNICÍPIO DE ITAPETINGA - BA EM DISCUSSÃO | |
| Murilo Marques Scaldaferrri Jamine Barros Oliveira Araújo Gabriela Sousa Rêgo Pimentel | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013021 | |
| CAPÍTULO 2 | 9 |
| POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO ESTADO DO AMAZONAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE REGIONAL | |
| Izoni de Souza Trindade Rosimeri da Silva Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013022 | |
| CAPÍTULO 3 | 20 |
| PRÁTICA EDUCATIVA NO AEE: ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA | |
| Thalia Costa Medeiros Najra Danny Pereira Lima Mayanny da Silva Lima Gilma Sannyelle Silva Rocha Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva Maria Camila da Silva Mychelle Maria Santos de Oliveira Telma de Jesus Lima Sá Nascimento Mariangela Santana Guimarães Santos Maria Helena Rodrigues Bezerra Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha Ana Paula Carvalho de Alencar | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013023 | |
| CAPÍTULO 4 | 34 |
| PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO | |
| Heronita Maria Dantas de Melo | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013024 | |
| CAPÍTULO 5 | 45 |
| PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA | |
| Nereda Lima de Carvalho Cleres Carvalho do Nascimento Silva Hávila Sâmua Oliveira Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013025 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 6 | 54 |
| PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA: MOVIMENTOS DE INVENÇÃO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO E PESQUISAS OUTRAS | |
| Ana Cláudia Barin Angélica Neuscharank Vivien Kelling Cardonetti | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013026 | |
| CAPÍTULO 7 | 69 |
| PROFESSORA OU TIA? IMPRESSÕES DE PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BLUMENAU/SC | |
| Jessica Rautenberg Júlia Graciela de Souza Antonio José Müller | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013027 | |
| CAPÍTULO 8 | 75 |
| PROJETO PEDAGÓGICO CULTURAL: O CARÁTER <i>SUI GENERIS</i> DE UMA ESCOLA RESIDÊNCIA INOVADORA | |
| Mateus Geraldo Xavier | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013028 | |
| CAPÍTULO 9 | 95 |
| A PROPOSTA DE REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O PRISMA DOS ESTÁGIOS MORAIS DE LAWRENCE KOHLBERG | |
| Vágner Silva da Cunha Silvana Maria Gritti | |
| DOI 10.22533/at.ed.3062013029 | |
| CAPÍTULO 10 | 105 |
| RECONHECENDO AS DIFERENÇAS E CRIANDO POSSIBILIDADES: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INCLUSIVA | |
| Maria Rosilene de Sena Rosélia Neres de Sena Marques Italo Rômulo Costa Da Silva Arianne Siqueira Marques Melo Tatielli Costa de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130210 | |
| CAPÍTULO 11 | 113 |
| RECURSOS, ANALOGIAS E ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DO ÁTOMO QUÂNTICO NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ENCORAJAMENTO | |
| Danilo Cardozo Flôres Kamilla Rodrigues Rogerio | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130211 | |
| CAPÍTULO 12 | 129 |
| REDES E MÍDIAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE USO POR DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR | |
| Wilsa Maria Ramos | |

Ravena Nóbrega Bufolo
Maria Julia Bueno Spohr
Lisa Ferreira de Miranda
Lucas Santos Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130212

CAPÍTULO 13 143

REFLEXÕES NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ANDREIA INES DILLENBURG
Aruna Noal Correa
Felipe Pedrozo Maia
Gabriel Marchesan
Mauricio Pase Quatrin
Vanderlan Dupont de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130213

CAPÍTULO 14 158

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Mariana Lucas Mendes
Regiane Aparecida da Silva
Cristiane Maria Ribeiro
Cinthia Maria Felício

DOI 10.22533/at.ed.30620130214

CAPÍTULO 15 167

**REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE TUTORIA PARA POTENCIALIZAR AS
AÇÕES DE APRENDIZAGEM EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Tereza Cristina Mendes Vieira
Grace Fernanda S Nunes

DOI 10.22533/at.ed.30620130215

CAPÍTULO 16 178

**RELAÇÕES ENTRE CURRÍCULO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR
DOS VALORES**

Bianca Silva Martins
Denize Amorim Azevedo Mendes
Josely Ferreira Ribeiro
Vanessa Serafim da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30620130216

CAPÍTULO 17 187

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: BREVE INCURSÃO SOBRE A LEI Nº 10.639/2003 E
SEUS DESDOBRAMENTOS NOS DISCURSOS DE DOCUMENTOS OFICIAIS**

Taylon Silva Chaves
Raquel Amorim dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30620130217

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 18 | 194 |
| EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO: UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO | |
| Solange Aparecida de Souza Monteiro Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Heitor Messias Reimão de Melo Fernando Sabchuk Moreira Valquiria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Marilurdes Cruz Borges Melissa Camilo Monica Soares Vanessa Cristina Scaringi | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130218 | |
| CAPÍTULO 19 | 216 |
| REVISITANDO A POSSIBILIDADE DE ADOÇÃO POR CASAIS HOMOSSEXUAIS: ASPECTOS CONSTITUCIONAIS E CIVIS DA PATERNIDADE HOMOPARENTAL | |
| Jacson Gross | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130219 | |
| CAPÍTULO 20 | 226 |
| SALA VERDE: ESPAÇO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL | |
| Iomar Maria Salina da Costa Leonardo Villela de Castro | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130220 | |
| CAPÍTULO 21 | 239 |
| SER JOVEM E VIVER A JUVENTUDE NO CAMPO: DIÁLOGOS INSURGENTES | |
| Delson Miranda Santos Jurandir de Almeida Araújo Deyse Luciano de Jesus Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130221 | |
| CAPÍTULO 22 | 253 |
| SIMULAÇÕES COMPUTACIONAIS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE FÍSICA | |
| Cristiane Gomes Guimarães Suellen Cristina Moraes Marques Renan Júnio Miranda Gislayne Elisana Gonçalves | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130222 | |
| CAPÍTULO 23 | 263 |
| TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA | |
| Eder Alonso Castro | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130223 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 24 | 273 |
| TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ANÁLISE DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA | |
| Carlos Erick Brito de Sousa Dionísia Fernanda Paixão Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130224 | |
| CAPÍTULO 25 | 286 |
| UM OLHAR ACERCA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) SOBRE O VIÉS DA EDUCAÇÃO | |
| Eliana Thomas Lima Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza Lucas Capita Quarto José Fernandes Vilas Netto Tiradentes Fábio Luiz Fully Teixeira Fernanda Castro Manhães | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130225 | |
| CAPÍTULO 26 | 293 |
| A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NA ESCOLA: UMA QUESTÃO VOLTADA PARA MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM AOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PATOS-PB | |
| Maria Helena de Lima Gomes e Martins Luciano de Brito Junior Maria das Graças Veloso Marinho de Almeida Veneziano Guedes de Sousa Rêgo | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130226 | |
| CAPÍTULO 27 | 304 |
| UMA VISÃO SOBRE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM CURSOS DE MÚSICA | |
| Obadias de Oliveira Cunha Helena de Souza Nunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130227 | |
| CAPÍTULO 28 | 313 |
| UTILIZAÇÃO DE UM OBSERVATÓRIO SOCIAL COMO FERRAMENTA DE APOIO PEDAGÓGICO E CANAL DE COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE EM CURSOS TÉCNICOS E TECNOLÓGICOS DE INFORMÁTICA | |
| Laurentino Augusto Dantas André Carvalho Baida | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130228 | |
| CAPÍTULO 29 | 324 |
| VAMOS APRENDER A LER? DISCUTINDO ALGUNS ASPECTOS DO PROCESSO LINGUÍSTICO QUE ENVOLVE A APRENDIZAGEM DA ESCRITA | |
| Milena Beatriz Vicente Valentim | |
| DOI 10.22533/at.ed.30620130229 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 338 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 339 |

PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA: MOVIMENTOS DE INVENÇÃO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO E PESQUISAS OUTRAS

Data de aceite: 31/01/2020

Data de submissão: 03/11/2019

Ana Cláudia Barin

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS
<http://lattes.cnpq.br/9531484086157168>

Angélica Neuscharank

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS
<http://lattes.cnpq.br/4954841155132938>

Vivien Kelling Cardonetti

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS
<http://lattes.cnpq.br/1649742737541059>

RESUMO: Esta escrita esboça as experimentações realizadas na produção de pesquisas no campo da educação, onde procuramos pensar sobre os processos de leitura e escrita a partir de autores como Deleuze (2013); Deleuze e Guattari (2008, 1995a, 1995b); Larrosa (2010); Skliar (2014, 2010); Barthes (2012, 2007a, 2007b) e sobre os movimentos de invenção a partir de Kastrup (2001) ao olhar para uma investigação que intenta lançar mais problematizações do que soluções, que trabalha com questões minoritárias, que aventura-se na proliferação de sentidos ao fazer os desvios inesperados

comporem a materialidade de estudo, ao tratar de uma pesquisa em meio à vida. Nesse sentido, apresentamos como problemática de que modos produzir pesquisa em educação a partir dos processos de leituras e escritas movimentados pela invenção? Para mapear esses percursos escolhemos o método da cartografia (KASTRUP, 2015) que nos ajudou a compartilhar sobre as escolhas por determinadas materialidades, e algumas experiências com as mesmas. Assim, observamos que chegamos à escrita e à leitura quando expandimos o instante, quando reparamos no ínfimo e para o que ainda não foi nomeado, quando capturamos palavras rejeitadas e passamos a dispô-las de forma diferente, quando fazemos a vida transbordar e vazar entre as palavras, quando diluímos e suplantamos o nosso 'eu', quando abrimos-nos aos afetos, aos fluxos de intensidades e aos devires, quando povoamos as linhas com convites à pausa, ao suspiro, ao gemido, ao sorriso e à aproximação de outras linhas.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; escrita; pesquisas em educação e artes; cartografia.

READING AND WRITING PROCESSES:
INVENTION MOVEMENTS TO THINK
EDUCATION AND OTHER RESEARCH

ABSTRACT: This writing sketches experimentations in the production of research

in the field of Education, where we seek to think about reading and writing processes through authors such as Deleuze (2013); Deleuze and Guattari (2008, 1995a, 1995b); Larrosa (2010); Skliar (2014, 2010); Barthes (2012, 2007a, 2007b) and movements of invention by Kastrup (2001) when looking at an investigation that aims at more problematizations than solutions, dealing with minority issues in the proliferation of meanings by making unexpected deviations constitute the materiality of study in a research within life. In this sense, we present as problematic: what ways can research in Education be produced by means of reading and writing processes moved by invention? To map these paths, we chose the cartographic method (KASTRUP, 2015) which has helped us to share our choices of certain materialities and some experiences with them. Thus, we come to reading and writing when we expand the instant, when we notice the minimal and what still has not been named, when we capture rejected words and rearrange them, when we make life overflow and burst amongst words, when we dilute and reorganize the 'self', when we open ourselves to affection, to flows of intensities and becomings, when we inhabit lines with an invitation to pause, sigh, groan, smile and approximation to other lines.

KEYWORDS: reading; writing; research in Education and Arts; cartography.

INTRODUÇÃO

Nas linhas que seguem este artigo, intentamos falar sobre processos de produção de pesquisas que experimentam uma leitura e escrita a partir de encontros com alguns autores, escolhidos e convocados por nós, são eles: Deleuze, Deleuze e Guattari, Larrosa, Barthes, Skliar e Kastrup. Sendo assim, nos propusemos a apresentar alguns movimentos pensando no conceito de invenção (KASTRUP, 2001), e como ele opera na maneira que produzimos as pesquisas, com o olhar atento, de estranhamento e errância que nos permite andar por diferentes caminhos, pensar em processos e nos despir de algumas verdades que envolvem a educação.

Kastrup (2001) explana sobre o conceito de invenção, este que não se concentra em uma ação de 'solução' ou 'fechamento' de questões, mas que pensa na potência das problematizações, inesgotáveis em si, que possam ressoar sobre a produção de conhecimentos, sobre acionar o pensamento. Experimentamos escritas que permitem repousos, sobrevoos, silêncios, brechas, saltos, possibilidades que não cessam, mas impulsionam outras invenções a se produzirem. Procuramos estar à espreita de acontecimentos que pudessem lançar pensamentos *crianceiros*, de percepções outras.

Talvez possamos pensar nas relações entre o conceito (ou o ato de inventar) com as crianças. Essa concepção parece estar atrelada ao agir *crianceiro* quando sondamos as crianças sobre suas brincadeiras ou desenhos por exemplo, quando nos deparamos com deslocamentos de expressões, figuras e sentidos. É possível ser

rei, príncipe e cavalo em uma mesma tarde. Quem sabe traços de casas minúsculas e árvores gigantes. Pode-se mudar de tamanho em minutos, só porque deu vontade, vontade de esquecer para inventar.

A cartografia (KATRUP, 2015), metodologia que passeia por nossas linhas, permite rastrear as sensações que nos potencializam no momento de produção da escrita e quais elementos/materialidades lançam novos porvires. Enquanto *crianças*-pesquisadoras, a cartografia nos possibilita instantes de repouso em meio ao ato de escrever, recolher elementos das experiências, tanto do percurso acadêmico como de vida, esquecendo para transitar e inventar outros territórios.

Passamos a pensar na cartografia como uma perspectiva de pesquisa no campo da educação, mais especificamente no que Kastrup (2015) fala em relação à atenção cartográfica e seu funcionamento no trabalho de campo de um cartógrafo. O olhar atento nos coloca à espreita do imprevisível, na qual tudo pode se tornar potência de produção. Construimos nossas materialidades de pesquisa a partir de uma teia que se elabora nas conexões de experiências vividas, em meio à docência, à encontros coletivos, a aproximação com autores que nos permitem invencionar. Cartografamos em meio a muitos territórios para nos colocar em movimento.

A atenção do cartógrafo durante a produção dos dados numa pesquisa é caracterizado pelos signos numa atitude atencional de ativa receptividade: eles expõem um problema e forçam a pensar, através dos encontros. A particularidade da atenção aqui não é da atenção seletiva, que procura informações prontas, mas uma atenção que tateia, que procura cuidadosamente o que lhe afeta, sem se preocupar com a compreensão ou a ação imediata (reconhecimento). Essa atenção descrita por Kastrup (2015) corresponde a pequenos pousos do pensamento, ainda que ele mantenha um fluxo.

É nessa mesma direção que Deleuze e Guattari (1995) sublinham que a cartografia não é uma competência, mas uma performance. Ela precisa ser desenvolvida como uma política cognitiva do cartógrafo. Uma política cognitiva que se transmuta numa atitude investigativa do mesmo.

Na intenção de mapear os movimentos que vínhamos realizando, a fim de operar com o que Kastrup (2015) propõe como atenção cartográfica, passamos a pensar sobre as escolhas dos pesquisadores e algumas experiências em relação a outras, sobre os modos como vem se produzindo as pesquisas. Fomos percebendo que trabalhar com esta perspectiva metodológica nos requeria cuidado para não trazermos situações cômodas e 'assertivas' que vivenciávamos como pesquisadores e docentes, a saber: o estudante que produzia, a aula que rendia, a temática que tinha aceitação pela turma, entre outras questões que nos traziam comodidade na escrita.

Assim, nos perguntávamos constantemente: será que uma pesquisa em

educação precisa, sempre, apresentar soluções para os problemas educacionais, como se houvessem receitas específicas para cada caso, e elas ocorressem sempre da mesma forma? De que modo pensar uma pesquisa em educação menos pretensiosa, que queira e possa compartilhar as desconfortos ao invés de atribuir sentidos, soluções, receitas para resolução de problemas? Portanto, a nossa aposta foi: a invenção, operar com as leituras e escritas, com as materialidades que nos escolhem. Quais materialidades? Aqui falamos sobre a literatura.

Ao trabalhar com a cartografia, deparamo-nos com as incertezas quanto à produção dos dados: quais seriam potentes para a pesquisa? Como escolher os mesmos de modo que se saia das generalizações ou representações de possíveis conceitos que estão sendo trabalhados? Se este método não oferece passos a serem seguidos e aplicados, e se faz no percurso, como manter o rigor diante da intenção de produzir e compor uma pesquisa que pense a partir de suas experiências e experimentações, docência em meio à vida, em meio aos encontros com os estudantes, colegas e leituras?

UM OLHAR ATENTO PARA OS CONCEITOS: A EXPERIÊNCIA DA ESCRITA E DA LEITURA

Deleuze e Guattari explicitam que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (1995a, p. 13). A intenção não é oferecer significados e verdades a serem descobertas ou decifradas, mas sim lançar uma escrita com algumas demarcações que possam vibrar, palpitar, latejar e persistir, disparando novas forças e problemas. É este disparar que convida a provocar outro pensar.

“Escrever implica calar-se, (...), fazer-se ‘silencioso como um morto’, tornar-se o homem a quem se recusa a última réplica, escrever é oferecer, desde o primeiro momento, essa última réplica ao outro” (BARTHES, 2007b, p. 14). Esse fragmento de Barthes, suscita a pensar que uma escrita necessita estar permeada de vacúolos de silêncio para que o leitor tenha algo a dizer e disponha da chance de duvidar, contestar, refutar e acrescentar. É no calar tensionado do autor que o leitor poderá criar inusitadas e singulares relações com o texto, produzindo outras construções de sentido com ele.

Quando uma escrita está totalmente preenchida, ela não permite intervenções, não convida a interagir e não possibilita o diálogo. Tudo que está explicado a ponto de se tornar uma verdade absoluta pode vedar as possibilidades de invenção, pois não oportuniza espaço para pensar de outra maneira. Portanto, as lacunas e os vazios deixados no texto podem propiciar que os atravessamentos aconteçam e que o impensado possa fazer-se presente, permitindo a participação de coautorias. A

escrita, quando permeada de espaços, pode ser experienciada de uma forma outra, pois o leitor é convidado a ser partícipe do que está lendo.

(...) escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto, em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve (BARTHES, 2012, p.57).

Essas questões são problematizadas no capítulo denominado 'A morte do autor', onde Barthes (2012, p.62) menciona que um texto não é feito de um linha de palavras, produzido por uma única pessoa e em um único sentido, mas um espaço de dimensões múltiplas, onde "se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura". Nessa escritura, múltipla, tudo está para ser deslindado e não decifrado, a estrutura pode ser desfiada, como uma malha de meia que escapa alguns fios, não há fundo, pois, o espaço da escritura deve ser percorrido e não penetrado.

Sentimo-nos distantes, inferiorizados, quando nada temos a fazer, quando tudo está preenchido, determinado, quando nos sentimos à parte da escrita. Existem "tantos bordões que nada está aberto. Nenhuma possibilidade de experiência. Tudo aparece de tal modo que está despojado de mistério, despojado de realidade, despojado de vida" (LARROSA, 2010, p. 49). As brechas e os vazios ressoam, eles emanam vibrações que nos desafiam à invenção, e não à reprodução. Esses espaços lacunares podem desempenhar um silêncio tensionador, invitando-nos a intervir e a produzir outras possibilidades no texto.

Barthes declara que "escrever é deixar que os outros fechem eles próprios nossa própria palavra, e a escritura é apenas uma proposta cuja resposta nunca se conhece" (2007b, pp. 184-185). Essa colocação nos impulsiona a pensar que escrever é uma ação que vai além da obra, e, talvez, os hiatos deixados por quem escreve seja um convite ao leitor para criar outras possibilidades. A escrita, nesta perspectiva, passa a ser desdobrada juntamente com o leitor e não decodificada por ele. Ela vai fazendo sentido no decorrer da leitura, mas com a intenção de nunca se fixar, e sim volatizar-se.

Essa dissipação contribui para que outros sentidos sejam produzidos, que outros vincos possam ser invencionados, levando a língua a delirar, a variar. "O texto é o próprio aflorar da língua" (BARTHES, 2007a, p. 16), e é essa língua que pode ser sulcada, rasgada e atravessada por uma língua estrangeira. "Ser um estrangeiro, mas em sua própria língua, e não simplesmente como alguém que fala uma outra língua, diferente da sua. Ser bilíngue, multilíngue, mas em uma só e mesma língua" (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, pp. 42-43).

Pensamos que, nas pesquisas em educação, o maior desafio tem sido em levar

a própria língua a gaguejar. Aventurar-se na proliferação de sentidos, nos desvios inesperados, nas pregas e vincos fecundos.

Skliar (2014, p. 129, grifo do autor) coloca que ao transitarmos pela academia “somos reprimidos fortemente ao *escrever nossas próprias experiências* – em lugar de pesquisar ou estudar a realidade de outros – *com nossas próprias palavras* – em lugar de adequar-nos às palavras que estão em voga”. Escrever as nossas experiências com as próprias palavras é deixar que uma língua viva e pulsante seja atravessada, é permitir que uma língua estrangeira passe a viver na nossa própria língua. Por isso, é que o mesmo autor chama a atenção:

(...) para escrever a certo grau de renúncia, de deixar de ser, de dar-se de bruços com a impossibilidade de fazê-lo, de estar do lado do desassossego, do fastio, do ter paciência, do permanecer no meio do perigo da escrita, da solidão, do desespero, do tirar da cabeça que é possível aprender a escrever (SKLIAR, 2014, p. 65).

As escritas que nos fazem degustar outros sabores e prazeres são aquelas que fazem a língua gaguejar, trapacear, titubear. Deleuze (2006, p. 126) explicita que “a gagueira criadora é o que faz a língua crescer pelo meio, como a grama, o que faz da língua um rizoma em vez de uma árvore, o que coloca a língua em perpétuo desequilíbrio”.

O rizoma é um arranjo aberto, sempre em vias de escapar, extravasar e romper. É uma multiplicidade que não permite ser dirigida e conformada por uma estrutura. Por isso é que se abre a possibilidade de brotar pelo meio, de iniciar ‘entre’ as coisas, em deslocamento. Preciosa infere que “brotar pelo meio é opor-se a um destino que progride em direção a algo, é acariciar riscos, acumular êxitos e retumbantes fracassos, é se infiltrar por alguma vizinhança, fazendo conexões, é povoar o cotidiano de incertezas” (PRECIOSA, 2010, p. 37).

Estas últimas colocações nos provocam a problematizar algumas questões: como fazer brotar entre as palavras da nossa escrita outras sonoridades? Como povoar a nossa escrita de possibilidades, distanciando-se do senso comum e daquilo que nos faz cantar sempre em uníssono? Como potencializar a nossa escrita de forma que o leitor consiga entoar outros timbres e inflexões com ela, para ela e sobre ela?

Mais um questionamento rasga essa escrita, insistindo fazer parte dessas questões já enunciadas: qual a intenção de escrever de forma que as palavras repercutam e ressoem? Deleuze e Guattari (2008, p. 63) oferecem uma possível resposta, quando eles colocam que “cantar ou compor, pintar, escrever não têm talvez outro objetivo: desencadear (...) devires”.

Os devires disparados na leitura e na escrita, fazem-nos pensar e problematizar as experiências limiares e fronteiriças que atuam no ‘entre’, nas adjacências e nas

fendas de um texto. Incitam-nos a atentar para este incessante processo contínuo e inventivo que está a se movimentar e se alterar ‘em meio’, rompendo com os pontos pré-fixados, com as segmentações e com as estratificações.

O devir é uma experiência revolucionária, pois manifesta-se na disposição em abdicar de uma circunstância fixada ou infligida, demandando uma energia que impressiona, uma potência inventiva, uma paixão pelo inexplorado. É nesse sentido que os devires nos remetem a uma força que invade e que brota de maneira intensa, é um arrombamento que traz a novidade e não a comprovação, que traz a invenção e não a representação, passando a produzir vestígios de uma vivificação constante. Está ‘entre’, ‘em meio’, formando blocos que se movimentam e adotam suas próprias linhas, expandindo os heterogêneos por relações de aliança, por contágio.

“Já não é a sintaxe formal ou superficial que regula os equilíbrios da língua, porém uma sintaxe em devir, uma criação de sintaxe que faz nascer a língua estrangeira na língua, uma gramática do desequilíbrio” (DELEUZE, 2006, p. 127). É essa potência inventora que impulsiona nossa escrita a delirar, a gaguejar e a balbuciar, reinventando-se a todo momento.

A experiência de escrever possibilita conhecer insólitos cenários e pessoas, colocando-nos a atuar em outros papéis e situações. Esse movimento faculta que venhamos a vivenciar distintas possibilidades, propiciando ser de uma maneira diversa do que vínhamos sendo. A escrita, nesse sentido, é performativa, pois opera sobre o vivido, permitindo experimentar e experienciar outros possíveis.

Pensando na invenção de outros possíveis, nas linhas que seguiremos traremos duas experimentações de pesquisas com estes conceitos, e como eles operam junto com a materialidade escolhida por cada pesquisadora. Uma delas se trata de uma tese em elaboração, que utiliza a literatura de Lewis Carroll como potência e a seguinte, uma dissertação de mestrado, que trata sobre os heterogêneos e como estes ressoaram em uma pesquisa em educação.

O SALTITAR DE ALICE: PRODUZINDO ESCRITAS DE UMA TESE COM UM ‘PAÍS DAS MARAVILHAS’

Ao pensar como cada um(a) produz e se produz nas pesquisas, adentramos em diferentes territórios de elaboração de escrita, leitura e estudo de autores, busca de imagens e escolhas que nos são apresentadas durante o percurso pesquisado. Atentos a tudo que se passa ao que é vivido e experimentado por nós durante a produção de teses e dissertações, convidamos o que mais nos movimenta o ato de escrever, alçando assim, diferentes voos de linhas e palavras, cartografando disparadores que foram nos compondo.

Quando se convida a literatura de Lewis Carroll, ‘Alice no país das Maravilhas’,

para misturar-se às escritas, se espreita encontros com personagens diversos, e como estes podem vir a reverberar linhas com pitadas de movimentos inventivos. Assim foi se fazendo uma pesquisa, em meio a tocas de coelhos, cogumelos gigantes e um país das maravilhas.

Deleuze nos atenta que “tudo em Lewis Carroll começa por um combate horrível. É combate de profundezas: coisas arrebatam ou nos arrebatam, caixas são pequenas demais para seu conteúdo, comidas são tóxicas ou venenosas [...]” (DELEUZE, 2013, p. 34), desse modo vai se experimentando cheiros nas cores e sons nos petiscos. Tudo pode ser reinventado, não outras xícaras, mas aquelas mesmas que sussurram, não outro chá, mas diferentes maneiras de bebê-lo.

Desta maneira, vai se construindo uma escrita que gagueja, salta em poças d’água, fareja brechas. Deleuze (2013) explana sobre a gagueira (ou o murmuro; ou o balbucio, ou o soluço, como falamos anteriormente) quando explica que o escritor utiliza essas expressões para marcar entonações em meio ao texto. ‘*Ui*’ de dor e ‘*Ahh*’ de susto. Deleuze explica que o escritor teria somente duas possibilidades em relação a essas entonações: “ou fazê-lo, ou então dizê-lo sem fazê-lo, contentar-se com uma simples indicação que se deixa ao leitor o cuidado de efetuar” (2013, p. 138). Mas Deleuze nos apresenta uma terceira possibilidade:

Quando *dizer é fazer*... É o que acontece quando a gagueira já não incide sobre palavras preexistentes, mas ela própria introduz as palavras que ela afeta; estas já não existem separadas da gagueira que seleciona e as liga por conta própria. Não é mais o personagem que é gago de fala, é o escritor que se torna *gago da língua*: ele faz gaguejar *a língua enquanto tal*. Uma linguagem afetiva, intensiva, e não mais uma afecção daquele que fala (DELEUZE, 2013, p. 138).

Pensando nesta gagueira, nestes tropeços da escrita e da entonação da língua, ou até mesmo na própria errância que textos (ou autores) nos apresentam, a pesquisadora escolheu explorar como uma das materialidades da pesquisa, diferentes edições da obra de Lewis Carroll. Ao que parece já formar uma coleção, que está se construindo durante todo o percurso de investigação do doutorado, as *Alice’s* já somam mais de quarenta exemplares, que contam com edições ilustradas por artistas visuais, diferentes diagramações de textos, tamanhos e línguas estrangeiras diversas. Mas aos que muitos possam vir a questionar: por que colecionar tantos livros com a mesma história? Será mesmo a ‘mesma história’? E como fazer disso materialidade de uma tese?

Ao trabalhar com inúmeras versões da mesma história, percebemos o que Kastrup (2001) denomina de imprevisível na invenção. Não se imaginava como cada livro era elaborado até ter contato com eles. Não se sabia como era a fonte de sua escrita, a cor do texto ou como eram dispostas as imagens. Deparamo-nos com um mundo carregado de novidades e surpresas. Skliar (2010) elucida sobre o gesto de

abrir um livro. “Esse gesto é: a carícia; a memória; o deslizamento nem para fora demais, nem para dentro demais; o som; o ritmo; a voz, sobretudo, a voz. A voz que cada um haverá de ser” (SKLIAR, 2010, p. 23). É desta voz que surgem os tropeços, invenção de silêncios que vão além das reticências ou pontuações, que não se limita somente a pronúncia.

Neste movimento de revirar tais literaturas, foi surgindo uma escrita inventiva, que ia se descobrindo no momento de sua criação, no estranhamento de (re) conhecer novas páginas, assim que as folheava. Foi percebido novos cenários, personagens desconstruídos, diálogos outros neste momento de mergulho ao ‘país das maravilhas’. “Os movimentos de afundamento e estranhamento dão lugar a leves movimentos laterais de deslizamento; os animais das profundezas tornam-se figuras de cartas sem espessura” (DELEUZE, 2013, p. 34) e neste deslize produziu-se outras imagens a partir da cartografia destes livros, reportando digitalmente o que era de interesse de pesquisa, usando uma sobreposição para inventar o que ainda não havia sido apresentado.

Algumas fotografias produzidas para a elaboração da tese contavam com outras materialidades, como pequenos objetos que reportavam a contos, trechos de antigos diários de aula e algumas garrafinhas de vidro com os dizeres: LEIA-ME. Esta materialidade ainda está sendo explorada, pensada e não para de acontecer. O processo de escrita se assemelha a um pequeno carrossel de corda. É preciso estar sempre em movimento, mas as paradas servem para o respiro, para o estranhamento, para o olhar atento fora do carrossel. Depois dá-se corda novamente, e ele gira e gira.

É preciso arriscar-se para pensar pesquisa nestes movimentos que apresentamos nestas linhas. Arriscar-se a provar o líquido, já que na garrafa não estava escrito a palavra ‘veneno’, pois quem sabe encontramos escritas com gosto de uva, assim como Alice achou o fresco (CARROLL, 2013). É atentar-se para tudo que podemos problematizar, de maneira *crianceira*, permitindo-se usar da escrita torcida para inventar novas formas de leitura, de produção de textos, de pesquisas.

MAPEAMENTO DE HETEROGÊNEOS: A LITERATURA DE PROUST

Ainda pensando algumas vias para compartilhar experiências de pesquisas, apresentamos o mapeamento cartográfico realizado em uma pesquisa de mestrado em educação, onde a materialidade também foi produzida a partir de uma literatura. Para a pesquisadora, foi potencializado o que não estava posto, pensado os dados não como algo a ser buscado e inserido na pesquisa, mas considerado o que de alguma forma afeta o pesquisador, faz soergue-lo a cabeça para pensar. Portanto, sob o olhar da metodologia mencionada, trata-se de interessar-se pelo ‘meio’,

pelo ‘entre’, pelo processo, pela possibilidade de uma escrita que independa dos resultados ou respostas, mas atenta às problematizações, às dúvidas e incertezas que vão surgindo, os sentidos produzidos quando o pensamento é movimentado a suspender o dito por meio da curiosidade de sua revelação, que não é entendida como uma verdade absoluta, mas como possibilidade.

Sendo assim, a literatura trabalhada consistiu na obra *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust (2006a, 2006b, 2008, 2011, 2013), como leitura deleite realizada em concomitância à escrita da pesquisa. Distribuída em sete volumes, a obra passou a acompanhar a pesquisadora como um livro de bolso em viagens ao trabalho e como disparadora para a produção da escrita. Lia-se alguns fragmentos, selecionava-se outros, sublinhava, rascunhava, inseria-se comentários, e depois, junto destes, convidava-se a escrita poética para compor pensamentos, teorias e bases epistemológicas sobre a educação.

No entanto, esses movimentos não compuseram a revisão de literatura, mas constituíram a materialidade da pesquisa, pois passou-se a pensar a educação a partir dos sentidos que a leitura provocara, isso porque, a obra de Proust desafiava muitas das definições dos gêneros literários. Trata-se de uma escrita que cria um romance, um ensaio estético-filosófico, um tratado de psicologia. O ‘eu’ que narra, é o mesmo que reflete sobre si mesmo, que tateia o mundo pelas palavras e pelos sentidos. Ninguém conhece esse ‘eu’ que fala, e assim ele é mantido no anonimato – sem dados biográficos, sem data de nascimento, sem sobrenome. Há apenas um nome de menino, ‘Marcel’, pronunciado duas vezes ao longo das milhares de páginas (GAGNEBIN, 2006). A impessoalidade que marca a narrativa – cabe ressaltar as relações com o que Deleuze propõe sobre o sujeito transcendental e do ‘Eu gordo’ – reforça “o fato que o ‘eu’ só pode apreender a si mesmo enquanto sujeito da enunciação do discurso” (GAGNEBIN, 2006, p. 543), aquele que assume a palavra e direciona-se a um outro, a um leitor que encontra fissuras, espaços que permitem-no adentrar na voz narrativa.

Certa ausência de referenciais temporais e espaciais faz com que a narrativa esteja à deriva dos encontros do personagem e do leitor. Em inúmeros momentos, não é possível identificar se o personagem está adormecido, sonhando, se está recordando, ou se aquela cena está de fato acontecendo, como, por exemplo, em uma das passagens em que o ‘eu’ adormece e no entanto continua a fazer reflexões.

No primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*, em que o narrador relata suas lembranças de infância, como o episódio em que aceita uma xícara de chá com o biscoito de *madeleine*, oferecido por sua mãe. Ao provar, o herói tem um sobressalto e sente “um prazer delicioso” invadi-lo. Ocorre o despertar por uma experiência sensorial semelhante à que tinha quando sua tia-avó lhe oferecia as mesmas iguarias nas manhãs de domingo antes da missa em Combray. “Essa lembrança

involuntária, enterrada sob diversas camadas de esquecimento e indiferença, lhe descortina subitamente uma outra possibilidade de acesso ao passado e a suas riquezas insuspeitadas (GAGNEBIN, 2006, p. 554)”.

Ainda, a ideia do involuntário, muito elaborada pelo autor, é acentuada pelo olhar ao acaso dos acontecimentos na narrativa. A personagem não aparece em busca de uma verdade, mas, de repente, passa pela experiência. Não se trata de um acaso de pura contingência. Dessa forma, as relações da pesquisadora com a sua materialidade, nos fazem pensar nos processos de leitura e escrita nas pesquisas em educação. O que pode se configurar como um dado em potencial para uma pesquisa?

Pensando um pouco do que já fora problematizado neste artigo, e no que Deleuze comenta, depende de estar à espreita a acolher o acaso, disponível à irrupção, ao exercício da atenção cartográfica e, por isso, ao que pode nos afetar: “[...] trata-se de uma ascese da disponibilidade em vez de um treinamento de controle, ou ainda de uma temporalidade do *kairos*, do instante oportuno e fugaz, em oposição aos planejamentos cronológicos (GAGNEIN, 2006, p. 556)”. Leitura e escrita que são os dados, produzidos sem que nem tenhamos querido ou previsto, pois não dependem de decisões conscientes, escapam ao controle de ‘nossa inteligência’.

Nessa mesma linha, nos apropriamos das leituras de Proust para pensar o conceito de invenção por dialogar com a diferente vertente de busca da verdade que o autor defende. Para o mesmo, as verdades da inteligência têm pouca importância, pois elas explicitam e repetem o que já era sabido. Tais verdades não são produzidas por mim, mas chegam até mim e me surpreendem, transtornam, deixam-nos estupefatos, produzem ‘um sobressalto’, um despertar. Dá-se um extravio da inteligência organizadora a partir de uma sensação corporal.

Assim, inventar diz respeito ao conjunto de recursos que contam das lembranças cujas técnicas de pensamento surgem como uma tecitura e não mais como fatos sequenciais, pois seguem certas constâncias e dizem muito sobre associações passageiras, que deixam a memória renovada, sem espaço para o acúmulo, mas voltada para a dinâmica de acontecimentos.

Exercício realizado pela atenção cartográfica, como quem pensa na concentração sem foco, pelo abandono da representação, sem querer explicar-se, só titubear, sussurrar, gozar, gargalhar, e num gesto descompromissado, produzir algum sentido. Assim, a invenção nas pesquisas age como propulsão sem endereçamento, viagem sem destino, sentir sem preocupação de oferecer tal sensação.

LEITURAS MOVENTES, ESCRITAS QUE NÃO CESSAM...

Enquanto método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995a), que

busca acompanhar um processo e não representar um objeto, a cartografia tem sido utilizada em pesquisas de campo no estudo da subjetividade e se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras para serem aplicadas. Por isso, ela não estabelece um caminho linear para atingir um determinado fim. Todavia, nada impede que o cartógrafo estabeleça algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência (KASTRUP, 2015).

Não houve, nas pesquisas mencionadas, uma coleta de dados, mas uma produção que se fez desde o início da pesquisa. Manteve-se certo cuidado durante o processo de escrita, para aproximar-se do funcionamento da atenção no trabalho de campo de um cartógrafo, recolhendo alguns achados, fazendo escolhas, e sim, abandonando outras. A ideia é que, na base da construção de conhecimento através de um método dessa natureza, “há um tipo de funcionamento da atenção que foi em parte descrito por Sigmund Freud com o conceito de atenção flutuante e por Henri Bergson com o conceito de reconhecimento atento” (KASTRUP, 2015, p. 32), que diz respeito a função que não é da simples seleção de informações.

Outro ponto está no fato de que o funcionamento não se limita à identificação de atos que focalizam o objeto para preparar a representação de suas formas, mas se faz através da detecção de signos e forças circulantes, de pontas do processo em curso.

A detecção e a apreensão de material, em princípio desconexo e fragmentado, de cenas e discursos, requerem uma concentração sem focalização, indicada por Deleuze no seu *Abécédaire* através da ideia de uma atenção à espreita. O segundo ponto é que a atenção, enquanto processo complexo, pode assumir diferentes funcionamentos: seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário (KASTRUP, 2015, p. 33).

É possível pousarmos nossa atenção? Onde? Nesse caso, o pouso não foi entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento. A atenção do cartógrafo, dessa forma, não foi um funcionamento seletivo, mas análogo ao que Kastrup (2015) referencia de James (1890/1945, p. 231) na comparação do fluxo do pensamento ao voo do pássaro – “que desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de tempos em tempos em certo lugar. Voos e pousos diferem quanto à velocidade da mudança que trazem consigo” –, atribuindo uma flutuação da consciência e atenção ao fluxo do pensamento, conferindo-lhe um ritmo.

A atenção é, nesse sentido, concentração sem focalização, é abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado. Ela se desdobra na qualidade de encontro. As experiências não só vão ocorrer como estão ocorrendo ou já ocorreram, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. “São pontas de presente, movimentos emergentes, signos que sugerem que algo acontece, que há uma processualidade em curso” (KASTRUP, 2015, p. 39).

O funcionamento da atenção do cartógrafo durante a produção dos dados numa pesquisa foi uma atitude atencional de ativa receptividade: expuseram um problema e forçaram-se a pensar. A atenção é que tateia, procura cuidadosamente o que lhe afeta, sem se preocupar com a compreensão ou a ação imediata. Ela pode mobilizar a memória e a imaginação, o passado e o futuro, atravessando-os continuamente.

“A ativação de uma atenção à espreita - flutuante, concentrada e aberta - é um aspecto que se destaca na formação do cartógrafo. Ativar esse tipo de atenção significa desativar ou inibir a atenção seletiva, que habitualmente domina nosso funcionamento cognitivo” (KASTRUP, 2015. p.48). A atenção é entendida como um músculo que se exercita, e sua abertura precisa sempre ser reativada, sem jamais estar garantida.

Skliar nos chama atenção, colocando que é necessário revermos os questionamentos que fazemos em relação à escrita, pois a questão a ser pronunciada “não é: o que é a escrita? Mas sim: como chegamos a ela?” (2014, p. 134). Poderia estender essa questão também para a leitura, e questionar: como chegamos à leitura? Desejando explorar essas questões que latejam, repercutem e ressoam, atrevemo-nos a escrever algumas linhas.

Chegamos à leitura e à escrita trilhando caminhos que outros recusaram, rebelando-se com o pré-estabelecido, aproximando-se da impossibilidade, estando atento para as inusitadas direções, fazendo as palavras vibrarem para além das linhas, semeando palavras desobedientes e movediças, olhando para o que já foi visto, todavia de outra maneira.

Chegamos à escrita e à leitura quando expandimos o instante, quando reparamos para o ínfimo e para o que ainda não foi nomeado, quando capturamos palavras rejeitadas e passamos a dispô-las de forma diferente, quando fazemos a vida transbordar e vazar entre as palavras, quando diluímos e suplantamos o nosso eu, quando abrimo-nos aos afetos, aos fluxos de intensidades e aos devires, quando povoamos as linhas com convites à pausa, ao suspiro, ao gemido, ao sorriso e à aproximação de outras linhas.

É neste movimento imanente de forças que expandimos o instante e passamos a desfrutar dele. Um novo tempo é produzido, outros modos de viver são experienciados, e é neste instante que inventamos uma nova língua na nossa língua e passamos a ler e a escrever, a escrever e a ler...

As leituras que fizemos e a escrita que produzimos passou a ser gotejada por inúmeras vidas, passando a respingar também na nossa própria vida. Isso nos permite dizer que o que escrevemos acaba nos escrevendo, o que produzimos também passa a nos produzir. A escrita não seria justamente isso? Uma celebração à vida e uma invenção de vidas? Ao escrevermos as próprias experiências e ao sermos afetados por uma pluralidade de vidas, somos convidados a reinventar a

nossa, fazendo-a vibrar até o momento de não nos assemelharmos mais com ela, todavia sem que consigamos afirmar que não é.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. [tradução de Mario Laranjeira]. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Aula**. [tradução de Leyla Perrone-Moisés]. 15ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007a.

_____. **Crítica e verdade**. [tradução de Leyla Perrone-Moisés]. 3ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. [tradução e adaptação Lucia Benedetti; ilustrações Arthur Rackham]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica** [tradução de Peter Pál Pelbart]. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4 [tradução de Suely Rolnik]. 4ª reimp. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 [tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2 [tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie Gagnebin. Entre sonho e vigília: quem sou eu?. In: PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**, vol. 1. posfácio. No caminho de swann. 2006, pp. 539-558.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4ª ed., Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. Aprendizagem, arte e invenção. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

KOHAN, Walter. Imagens da infância para (re)pensar o currículo. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Brasília, n.1, não p. (2003), nov. 2003/abr. 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas mascaradas** [tradução de Alfredo Veiga-Neto]. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade - Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**, vol. 1. No caminho de swann. São Paulo: Globo, 2006a.

_____. **Em busca do tempo perdido**, vol. 2. À sombra das raparigas em flor. São Paulo: Globo, 2006b.

_____. **Em busca do tempo perdido**, vol. 4. Somoda e Gomorra. São Paulo: Globo,

2008.

_____. **Em busca do tempo perdido**, vol. 5. A prisioneira. São Paulo: Globo, 2011.

_____. **Em busca do tempo perdido**, vol. 7. O tempo redescoberto. São Paulo: Globo, 2013.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar** [tradução de Giane Lessa]. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. Escrever e ler para ressuscitar os vivos: notas para pensar o gesto da leitura (e da escrita). In: KOHAN, Walter. (Org.). **Devir-criança da filosofia: infância da educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 127, 175, 237, 324, 326, 327, 328, 329, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Ambientes virtuais 131, 133, 140, 167, 174

Analogias 113, 114, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 277

Átomos 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 126, 127

B

Brinquedo 158, 161, 162, 164, 294

C

Capitalismo 12, 67, 95, 99, 101

Cartografia 54, 56, 57, 62, 65, 67

Criança 1, 2, 3, 4, 6, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 68, 69, 70, 72, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 111, 112, 133, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 184, 200, 203, 204, 205, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 295, 299, 305, 306, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337

D

Desenvolvimento profissional 129, 301

E

Educação a distância 15, 113, 134, 141, 142, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 177, 273, 274, 285

Educação de qualidade 9, 26, 28, 49

Educação inclusiva adaptação curricular 21

Educação infantil 4, 14, 46, 69, 70, 71, 73, 74, 78, 158, 159, 160, 165, 166

Educação profissional 143, 144, 145, 146, 147, 148, 155, 156, 157, 237, 314, 322, 323

Ensino de química 113, 117, 118, 127, 128, 263, 267, 268, 269, 270, 272

Escrita 12, 13, 16, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 110, 120, 135, 151, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Estágios morais 95, 101, 102, 103

Estratégia 3, 4, 7, 8, 53, 117, 167, 214, 236, 320

Exclusão 45, 99, 101, 104, 105, 110, 184, 189, 198, 221, 229, 326, 327

F

Formação de professores 32, 43, 48, 143, 144, 146, 147, 148, 152, 154, 155, 156, 157, 185, 252, 284, 285, 301, 305, 306, 311

Formação em serviço 9, 11, 16, 17

G

Gênero 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 191, 217

Gestão democrática 75, 76, 77, 84, 85, 89, 94

I

Inclusão 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 49, 80, 99, 105, 106, 121, 155, 184, 196, 203, 210, 221, 230, 237, 241, 267, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 309

Infância 8, 12, 22, 37, 63, 67, 68, 95, 96, 97, 98, 100, 104, 159, 166, 240, 289

L

Leitura 11, 12, 25, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 76, 83, 89, 107, 110, 121, 122, 137, 146, 211, 212, 217, 223, 257, 278, 324, 329, 330, 333, 334, 335, 336

Letramento 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 324, 326, 327, 329, 331

Linearidade 75, 85, 88

M

Mídias sociais 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Modelo quântico 113, 119, 122

P

Paulo Freire 36, 69, 70, 71, 109, 276

Pesquisas em educação e artes 54

Planejamento escolar 28, 75

Políticas de formação continuada 9

Políticas públicas 1, 11, 12, 15, 16, 32, 105, 169, 184, 185, 189, 191, 195, 198, 226, 230, 240, 250, 251, 252, 264, 270, 271, 315, 318, 319

Práticas de uso 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Práticas docentes 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 150, 283

Professora – tia 69

R

Regimento escolar 75, 77

S

Saúde na escola 1, 3, 4, 6, 7

T

Tecnológica 78, 93, 127, 143, 144, 145, 146, 147, 156, 157, 254, 262, 265, 266, 269, 276, 314, 315, 317, 323

Transtorno do espectro autista 20, 21, 22, 23, 33, 286, 287, 288

 **Atena**
Editora

2 0 2 0